This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 08159994 0

732923

Terra Prohibida

Teixeira de Pascoaes.

(Pereira)

Poetry ( )

TERRA

PROHIBIDA

Pag. 43 — *onde se lê:* E o que o meu coração..., *leia-se:* E que o meu coração...
» 86 — *onde se lê:* Restos que corações..., *leia-se:* Restos de corações...
» 89 — *onde se lê:* E a gritares por mim..., *leia-se:* E a gritar por mim...
» 101 — *onde se lê:* ... quem não sonhou..., *leia-se:* quem no sonhou...
» 120 — *onde se lê:* Ou sahia d'uma bocca..., *leia-se:* Ou suia d'uma bocca...
» 133 — *onde se lê:* ... crystallino, Licor, ..., *leia-se:* ... crystallino Licor...

LIBRARY

Poetry ( )

NEW YORK
PUBLIC
LIBRARY

TERRA PROHIBIDA

NEW YORK
PUBLIC
LIBRARY

NEW YORK
PUBLIC
LIBRARY

TEIXEIRA DE PASCOAES

TERRA PROHIBIDA

Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcellos

NEW
PUBL
LIBRA

COIMBRA

TYPOGRAPHIA FRANÇA AMADO

1900

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
732923
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R 1916 L

« Se alli nasci, alli hei de morrer...
« Oh Terra Prohibida, apenas sou
« Uma razão de ti... sem o querer... »

Do « SEMPRE. »

Ia subindo um penhascoso e arido monte
Onde ameaçam ruina os ingremes rochedos;
Mais larga se tornava a linha do horizonte,
Menos distinctos, lá no fundo, os arvoredos...
Sósinho, entregue a mim, andava meditando
Na vida, no amor, n'um doce coração.
De corpo e d'alma bem deserto, ia chorando...
Olhei em volta. Meu Deus! que desolação!
Por toda a parte se descobrem cemiterios,
Magoados valles lacrimosos de ruinas;
Todos os sêres, torturados de mysterios,

Perguntando ao Senhor: — a que é que nos destinas?...
E vinha em lagrimas mudar o azul do céo,
De vez em quando, a triste voz d'uma cantiga
Que terminava assim: « meu coração morreu... »
Quem a cantava era uma joven rapariga!
Pouco depois, outra cantiga lacrimosa
Ouvi chorar, além, na voz d'um camponez;
N'uma voz que era assim tão triste e tão saudosa,
Como uns versos d'amor que escrevi uma vez...
Ao ouvi-la, chorei... E as folhas do arvoredo,
Como no outomno, dos seus ramos se perderam...
Morrêra o musgo que vestira algum rochedo,
Fontes seccaram, moças flores emmurcheceram!...
Vêde o que causa uma saudade... E' um frio outomno
Que faz nevar o céo e a luz torna gelada...
Por onde passa deixa tudo no abandono,
Transforma tudo, suavemente, em cinza e nada...
Cantava o lavrador a morte e o seu enterro,
Um amor infeliz, a descrença no céo;
A sua infancia, nostalgias d'um desterro...
E elle vivia no paiz onde nasceu!
Oh deserto do amor, da fé e da esperança,
Através do qual nós todos caminhamos...
Nos vossos tristes areaes ninguem descansa,
Eternamente, eternamente, viajamos!...

Continuava subindo... A luz do meu olhar
Mais cemiterios e ruinas descobria...
Passava o vento, p'los penedos, a chorar
As lagrimas talvez que eu já chorei, um dia...
E, nos meus pés, as silvas bravas se prendiam...
Abraçavam-se a mim... que, sem dôr, as calcava!
Para a terra, a voar, negras aves desciam;
O infinito do céo parece que as cansava...
Cheguei ao alto. E os valles, fundos como poços,
Eram rios de treva, aguas de escuridão...
A chorar, fui sentar-me sobre estes destroços
Da minha patria morta e do meu coração!
Olhei então p'r'o céo... Só ruinas descobri,
Cinzas de deuses, d'esperanças, de chimeras,
Que vós perdestes, homens d'hoje, e que eu perdi,
Mas que tivestes já, homens d'antigas eras!
Senti, dentro do peito, o coração gelado
E as lagrimas do meu olhar arrefeceram...
A vida d'hoje deixa tudo desolado:
— As nossas almas todas, todas se perderam!
Tudo em ruinas cahiu! Tudo ficou desfeito!
O mundo actual é uma profunda sepultura;
Ainda é, p'ra tanta dôr, tumulo estreito...

Sem um abrigo vive muita desventura!
Venha do céo a redemptora Tempestade!
Antigos monstros, vá, do pó resuscitae!
Ainda espero a verdadeira mocidade,
Ás cavernas d'outr'ora, oh homens, regressae!
Esta vida vae ter á beira d'um abysmo,
Aonde ha de cada um de nós precipitar-se...
Olhae para o Futuro, e vêde o cataclismo
Que, em negras nuvens de vingança, anda a formar-se!
Oh meus irmãos, p'ra que deixastes o caminho
Que a Natureza, a nossa Mãe, nos ensinou...
Por isso foi nosso destino bem mesquinho:
É porque o homem a Verdade assassinou!...
D'ahi nasceu a dôr e toda a desventura
Que debalde ergue as mãos afflictas para os céos...
O futuro é um mysterio e a vida d'hoje é escura:
Trahimos a Natureza e mentimos a Deus!...

Sob um nevoento azul que nunca a estranha luz
Do sol mysterioso e incognito trespassa;
N'esta montanha desolada é que eu compuz
Estes meus cantos de tristeza e de desgraça!
Escrevi-os aqui, na Terra Prohibida,

Onde só vive quem tiver um coração...
E aonde cheguei ao pôr do sol da minha vida,
Quando está mesmo atrás da luz a escuridão!...
São para aquelles que se julgam venturosos,
Que alimentam no olhar a luz d'uma chimera;
São para os loucos, p'r' os que vivem descuidosos
E que têm perto a desventura á sua espera!...
Hão de mostrar-vos novos montes e paizagens,
As lagrimas que eu vi chorar a Tempestade;
Outros invernos, outras seccas estiagens...
Fallar-vos-hão d'um outro amor, d'outra saudade...
D'aqui vos mando este Poema que é maldito,
Oh ignorantes corações que ainda amaes!...
D'estes rochedos onde fôra, um dia, escripto
Para os que sonham, para vós que ainda esperaes!...

Á unica flor da minha vida

Oh flor de rosmaninho que nasceste
Em solitario val, em ermo outeiro,
Sarar meu coração tu pretendeste
D'um triste olhar... que fôra o derradeiro...

Com todo o amor no seio o recolheste;
Com esse grande amor, com o primeiro...
Com essa triste lagrima celeste
Que nos transforma em dôr o mundo inteiro!

Aquelle estranho aroma que te déra
O teu abril, a tua primavera,
Meu coração á vida quiz volver...

Mas para que tentar resuscitá-lo?
Só p'ra vir outra dôr assassiná-lo,
Só p'ra mais uma vez ter de morrer!...

Illusão!

Por uma sombra assim te apaixonaste,
De rapariga, ó doido coração!...
Sou uma sombra vaga que encontraste,
Sou um mysterio, sou uma illusão!

Teus puros verdes annos encarnaste
N'este meu sêr tumultuoso e vão,
Como tudo o que existe e o que sonhaste,
Como dos homens toda a aspiração!

Fecha os olhos; apaga o teu olhar;
Teus ouvidos não tornem mais a ouvir,
O coração não deixes palpitar,

E como eterna estatua viverás...
O abril sempre o teu rosto ha de florir,
Nos teus dezasete annos ficarás!...

Presagio

Oh meu amor, eu vou deixar-te!
Espiritos maus m'o declararam...
Como chorei por toda a parte,
Como os meus nervos se quebraram!

E tem de ser! Isto eu ouvi
A sombra que por mim passou...
N'um sonho triste o percebi,
O piar d'um mocho o adivinhou!

Oh moribunda mocidade,
Oh mocidade agonisante!
Ai, tanta dôr, tanta saudade,
Sob uma capa d'estudante!

Oh meu amor mysterioso,
Humilde moça que nasceste,
Menos que tu, n'um val formoso
Que só de lindas flores se veste,

N'uma choupana que teus paes
Fizeram com o suor do rosto,
Longe do mundo, entre olivaes,
E assim voltada p'r'o sol-posto!...

Bem triste foi a tua sorte...
Oh infeliz, p'ra mim olhaste...
P'ra mim que apenas trago a morte
No coração que enfeitiçaste!

Vieste assim fallar da vida
Cruel! a quem está p'ra acabar...
Debalde quer tua mão florida
Meu corpo fragil amparar!

Quando um ao outro nos perdermos,
O que ha de ser então de nós? . . .
Chorar por montes e por ermos
Onde os pinheiros vivem sós . . .

Sou infeliz, és infeliz,
Ainda em botão, linda mulher!
Sombria voz assim o diz,
O triste Fado assim o quer! . . .

P'ra que pedir ao céo divino?
Orar? De nada servirá . . .
P'ra que luctar contra o destino,
Que triste amante o venceu já? . . .

Só d'um minuto a eternidade,
Junto um do outro, nós passamos.
E eu penso que de tenra edade
Nos conhecemos, nos amamos . . .

Que o mesmo berço (hei de julgar)
Com todo o amor nos embalou . . .
Que a mesma mão nos fez andar,
Que o mesmo peito nos criou! . . .

E foi um ai, foi um momento!
Foi um relampago que veiu,
Lá do azul do Firmamento,
Meu coração partir ao meio! . . .

Como, escrevendo, assim eu mudo,
No que é passado, o que é presente . . .
Como transforma tudo, tudo,
Em dor uma alma que ainda sente!

Ficar em casa, não te vêr,
(Que doido amor!) eu preferia,
Para aos teus olhos escrever,
Em verso, tudo o que sentia! . . .

Penna na mão, quasi partida,
Que amargas tardes eu passei!
Mas essa penna dolorida,
Nada escreveu, do que eu sonhei!

Sobre o papel, ai, só deixava
Cahir borrões! Nada escrevi
Do que o teu claro olhar dictava,
Do que, em teu branco rosto, li!...

Que mundo triste! Que aridez!
Que val de lagrimas! Que horror!
Este ridiculo entremez
Faz-nos chorar, meu puro Amor!

Este planeta vil, infame,
Sómente é duvida e incerteza!
Até nem sei como ha quem ame,
Meu puro Amor, todo pureza!...

E assim, Amor, tu vaes morrer!...
Pois este seculo corrompe
O ideal que, em nós, tenta nascer,
Luz que do peito, a arder, irrompe!

Como esta vida ingrata e dura,
Tudo desfaz, tudo corroe!
E já não ha uma alma pura
Nem coração que seja heroe!

E' tudo lôdo, amargo, immundo,
Que só com sangue o homem tinge.
E o miseravel, pobre mundo
D'astro, no espaço, ainda finge!...

Que raiva immensa, que odio eu sinto,
Por tudo! Tudo quer matar-me!
A morte só, bem no presinto,
A morte só, póde vingar-me!...

Ouço bater contra a vidraça
A chuva. E a noite é muito escura!...
Oh chuva fria de desgraça,
Nuvens que sois de desventura!...

Sequinhas folhas que, voando,
Mortas, o ar atravessaes,
Por terra, em breve, ireis tombando
E apodrecer nos lamaçaes!...

Que tempo está! Pelos caminhos
Morrem de frio os viajantes...
Em ruinas ficam doces ninhos,
Tristes dos passaros amantes!...

O vento, em lagrimas, lá fóra,
As arvores despe, arranca as flores...
Que triste noite p'ra quem chora...
Presagios maus! Noite d'horrores!...

E á minha banca, assim p'ra ahi,
Sobre o papel, sem escrever,
Um triste adeus eu presenti...
Quer o destino, tem de ser!...

A uma folha d'hera

Rara folhinha d'hera que encontrei,
Ao meu edoso tronco te abraçaste.
Mas, velho como era, assim fiquei;
Como eras, linda e moça, assim ficaste...

Com tua côr tão verde me enfeitei,
Mas para traz, oh tempo, não voltaste!
E assim em cousa alguma não mudei...
Meu cadaver sómente amortalhaste...

Alguem que por mim passe ha de invejar
O meu frescor, a minha linda edade!
E' bem raro quem saiba adivinhar,

Quem descubra tão grande tempestade,
Sob uma folha d'hera a rebentar
Com tanto viço, tanta mocidade!

Esperança

És uma luz a arder, sempre apagada,
Em peito humano, em funda sepultura...
Luz, que deixas a terra illuminada,
Tudo amortalhas n'uma sombra escura!...

Sêde do coração não saciada,
Por mais que chore a fonte da Ventura,
És tu, minha esperança idolatrada,
Minha formosa e falsa creatura!...

Essa fingida luz do coração,
Se lhe mostra a illusão que tanto adora,
E' só p'ra lhe dizer que é uma illusão!

Foge dos olhos meus... E, muito embora
Se apague para mim o teu clarão,
Prefiro a noite á luz enganadora!...

Adeus, Emilia!

Adeus, Emilia, adeus! Eu vou partir!
Hei de viver, por lá, sempre sósinho,
Longe do sol que a terra faz florir
E dos arbustos onde houver um ninho!

Saudoso hei de viver sempre a scismar,
Por entre os olivaes, á luz da lua...
E o vento que passar a murmurar
Talvez me traga uma palavra tua...

E vou deixar-te, Emilia, meu amor!
Ficarás sem ninguem, abandonada...
E as cantigas, que tu sabes de cór,
Cantá-las-has com voz apaixonada!

E as aves lá do céo, que a desventura
Mal as deixa voar lá pelo espaço,
Quando ouvirem teus cantos d'amargura,
Mortas virão cahir no teu regaço!

N'esta hora tão amarga da partida,
Tudo te deixo; nada vae comigo...
Na nossa aldeia fica a minha vida,
Sem que tu saibas, viverá comtigo!

Na cova do meu peito ficarás,
N'este esteril jazigo d'uma raça...
Dar-te-ha socego eterno, eterna paz...
E eu n'elle encontro só minha desgraça!...

Tristezas e saudades levarei
De ti e da choupana onde nasceste,
Do logar onde, um dia, te encontrei
E onde o teu coração me prometteste.

Como n'esse momento era tão bello
Aquelle val profundo, aquelle monte...
Aquella hora da noite, o sete-estrello
E Venus que brilhava no horizonte...

Foi n'um alto que fica ao pé do céo...
Alli cantaste já minhas cantigas
(Um grande amor sem fim as escreveu!)
Que faziam chorar as raparigas...

Lembro-me ainda bem d'uma canção
Que, ao passar por alli, te ouvi cantar...
Era a mais triste que este coração
'Screvera a alguem que não no soube amar!

E que tristeza, Emilia, me causaste!
Meu amor, nem soubeste o que chorei...
Por mais que ames, Emilia, nunca amaste,
Ouve tu bem, assim como eu amei!...

O carro vae partir. Hora fatal!
O sol já se aproxima do poente.
Rios de sangue escorrem pelo val
E sopra o vento norte asperamente!

Adeus, adeus! O carro vae rodando...
O teu vulto perdeu-se na distancia,
Como nuvem que a aragem foi espalhando,
Como as recordações da nossa infancia!

Oh distancia cruel! Oh sepultura,
Onde foi a enterrar teu lindo rosto!
Kilometros de dor e d'amargura,
Leguas que sois a origem d'um desgosto!...

E agora que cheguei velhinho e enfermo
A' desolada Terra Prohibida,
Agora que eu habito em sitio ermo,
Como, longe de ti, é a minha vida,

Emilia, com que dor trago á lembrança
Teus olhos que a distancia me roubou!
Já n'elles vi esse Arco da Alliança
Que uma só tua lagrima apagou,

Na hora em que eu parti. Quando ao sol-posto
Me vieste dizer adeus, d'além...
Assim com essa voz, com esse rosto,
Assim com esse olhar que ninguem tem!

Eu sei com que tristeza tu ficaste,
Que mil vezes adeus tu me disseste!
Eu sei que muitas lagrimas choraste,
Fallou-me d'isso o lenço que me deste!...

Perto do coração, sobre o meu peito,
Trago-o, como se fosse uma venera;
N'elle guardei um roxo amor-perfeito,
Madeixas d'oiro e uma folhinha d'hera...

Reliquias que trarei sempre comigo
A ellas, ajoelhado, hei de rezar...
Nas horas de desgraça e de perigo,
Nada terei então que recear.

Por aqui, meu Amor, irei vivendo
D'aquelle triste olhar que tu me deste,
Quando, ao longe, p'ra mim, se foi escondendo,
Entre uma nevoa, o teu perfil celeste!...

Quando te disse adeus! e bem sósinho
Fiquei; de corpo e d'alma bem deserto!
Emquanto as lindas flores de rosmaninho,
Do nosso val, de ti ficavam perto!...

As flores, os rochedos e os pinhaes
Sempre no mesmo sitio hão de existir!
Só vós, ó grandes corações que amaes,
Dizeis adeus e tendes de partir!

Assim vivo na Terra Prohibida . . .
Cumpra-se o meu destino, a minha sorte, .
Longe de ti, que és a minha vida,
Perto de mim, que sou a minha morte! . . .

A minha historia

(1877-1900)

Moço ou donzella, ou quem quer que sejaes,
Mulheres e velhinhos e creanças;
Vós, os que amastes, vós os que ainda amaes,
Vós todos os que tendes esperanças,
Vinde ouvir, vinde ouvir, a minha Historia,
Mas nenhum de vocês ha de chorar...
Não vos rasgue de dor vossa memoria
A lembrança do que eu vos vou contar...
E' o conto mais triste que ainda um moço,
Fallando de si, teve de escrever...
Cada palavra é tragico destroço
D'um castello no ar que eu quiz erguer!
E' a historia de milhares de desenganos
Que, assim como eu, já quantos escreveram!
E quanto tempo, quantos milhares d'annos,
Já sobre a vida d'outros decorreram!...
Poetas, para quem a mocidade
Só deixou dores, fundas cicatrizes,
Nós chegamos a amar a infelicidade,
Fica-nos bem a nós ser infelizes!...

Odiamos o sol e as alegrias
D'um illusorio mundo que passou.
E fallamos a Deus todos os dias;
Nosso Senhor foi quem nos baptisou!
E essas aves que o azul do céo percorrem
Vem-nos comer á mão, sem recear...
No nosso peito as rosas nunca morrem,
Parece sol, tocando-nos, o luar...
As nossas dores são brancas anciãs;
Todo o Passado sabem-no de cór...
De toda a desventura são irmãs
E as velhinhas avós de todo o amor!...
Poetas, que viveis na sepultura,
Phantasmas desgraçados, accordae!
Meu coração partido de amargura,
Oh mortos corações, acompanhae!
Através d'estes versos tão amargos,
Vinde ajudar-me, oh mortos camaradas!
Tornae-me os horisontes bem mais largos,
Cinzas de luz, caveiras inspiradas!

Nasci n'um lindo val, por onde ha milhares d'annos
Deslisa o mais formoso rio portuguez,
Onde soffri aquelles desenganos
Da vida, e onde chorei pela primeira vez...
Nasci n'um lindo val,
Coberto de vinhedos e pinhaes
Que, mesmo pelo abril, têm um ar outomnal,
E onde cantam tristezas os pardaes!
E as crystallinas aguas do meu rio
Vão a chorar, até na Primavera!
As flores têm um ar tristonho e frio
E os velhos troncos são despidos d'hera!
E' uma paizagem triste a minha aldeia,
Assombrada p'la serra do Marão,
Aonde o lavrador nada semeia;
Nem mesmo os cardos lá germinarão!
E' uma alta serra onde se formam trovoadas,
Em castellos de nuvens que ameaçam

Ruina sobre os valles e quebradas,
Onde os raïos os rochedos despedaçam!
Mesmo ao norte da casa onde nasci,
Ergue-se o alto do Ladario,
Onde tão lindos sonhos eu vivi
E onde uma voz me disse o meu triste Fadario!
E' coberto de rochas e pinheiros,
De carvalhos, de musgo e rosmaninhos;
De fortes, musculosos sovereiros,
Onde as aves do céo fazem os ninhos!...
E os que alli moram, os de mais edade,
Dizem que sempre assim os conheceram
Cobertos de verdor e mocidade...
E elles, coitados! já envelheceram!...
Para as arvor's dos campos e p'rás flores,
Em cada março a primavera vem
Resuscitar os seus velhos amores...
E nós só temos uma... e os que a têm!...
Parece este alto um rustico castello,
Onde eu, sósinho, á noite, ia sonhar,
Quando mais baixo ia o luar e o sete-estrello
Que a ventura que Deus tinha para me dar!...

Logo em volta da casa onde eu passei
Da minha linda infancia os melhores dias,

E onde, p'ra todo o sempre, sepultei
Os meus sonhos e as minhas alegrias,
Ha vinhas e ramadas
Que, no mez de setembro, estão cobertas
D'uvas que vão encher as lagaradas...
E as videiras depois ficam desertas;
Só vestidas de folhas que a agonia
Do outomno faz murchar...
E, das tardes d'outubro, a fria ventania
Levá-las-ha, longe d'alli, a sepultar!
Outomno! como o amor, tu és irmão da morte!
Fazes da natureza um cemiterio
Por onde passa, a soluçar, o vento norte
Lacrimosas canções de dor e de mysterio!...

Em novembro nasci, por uma tarde triste,
Quando piedosas mãos espalham flores
Nas campas onde só o Nada existe,
Poeiras de sonhos e de crimes e d'amores!...
Restos de corações que amaram e odiaram,
Cinzas de corpos virgens de donzellas,
De peitos côr de luar que nunca amamentaram,
D'olhos azues que já foram estrellas!...
Foi n'um dia de Finados
Que, p'la primeira vez, eu vi a luz

Do sol que floresce os prados
E que os meus sonhos deixa arrepiados, nús...
Nasci n'um dia assim,
Quando os sinos soluçam badaladas
E cada cemiterio é um jardim
E as campas estão todas perfumadas...
Quando infelizes amantes
Os sepulchros do seu amor vão visitar,
Beijando a fria terra, soluçantes,
Como se aquelle pó ainda pudesse amar!...
Nasci n'um seculo nevoento de incerteza
Em que todos duvidamos!
Nasci n'um seculo de dor e de tristeza,
Que corrompe e desfaz tudo o que nós sonhamos!...
Nasci n'um d'estes dias transitorios
De scepticismo e de continua guerra,
Em que as pessoas são phantasmas illusorios,
Não deixando o menor vestigio sobre a terra!...
Este Planeta sente-se opprimido
Por uma grande dor que o quer estrangular!
Junto a um abysmo encontra-se perdido;
Os braços tenta abrir, mas não sabe vóar!...
Tremores de corações e vendavaes de dor
Nem cinzas d'esta vida deixarão.
Lagrimas d'odio illuminadas pelo amor
Outro diluvio sobre a Terra formarão!...

Longe do mundo, descuidado, ia vivendo
A aurora da minha vida,
Que, pouco a pouco, foi anoitecendo...
Contra a noite luctou, mas foi vencida!
Vi-a ceder a terra passo a passo,
Cahir agora, levantar-se logo.
Vi-a luctar, com furia, braço a braço,
Vibrando contra a noite o seu punhal de fogo!
Alguns annos, sem treguas, guerrearam...
Mas, ai, triste destino, triste sorte!
Golpes de treva a minha aurora assassinaram,
E uma fonte seccou, chorando a sua morte!...

Creança ainda, pelos campos passeava,
No descuido da minha tenra edade,
Com os outros rapazes que encontrava
N'esse val que, actualmente, é o meu *Val da Saudade*...
Elles guardavam mansas ovelhinhas
Que lhes davam a lã e o branco leite,
Como a face de simples pastorinhas,
Sob uma trança sem nenhum enfeite!
Campos da minha Patria elles cavavam,

Com um amor no peito, e d'enxada na mão.
E os fructos, que depois arrecadavam,
Eram filhos da terra e do seu coração!...
E não houve, Senhor, um unico sequer
Que abandonasse a sua ingenua namorada.
Felizes, todos têm um filho, uma mulher
E uma casinha entre oliveiras abrigada...
E assim, rapazes que eu encontro agora
Sempre a trabalhar pelas devezas,
Ainda viveis aquella mesma aurora,
E eu só vivo desgostos e tristezas!...
Tendes o mesmo olhar claro, infantil;
O mundo, para vós, são estes montes...
Vossa alma ainda a floresce o mesmo abril,
Ainda chegaes ao céo dos horizontes!
Para que foi que, um dia, te deixei,
Oh meu Val da Saudade, oh meu eterno Bem!
Se jamais encontrei
O que fui procurar por esse mundo além?!...

Dez annos fiz. Dia fatal!
Chegou a edade de estudar...
E assim deixei o meu saudoso Val
E as aves que, talvez, nem torne a ouvir cantar!...
Parti p'rá escola. Meu Avô, santo velhinho,

Levou-me pela mão :
Que desolado fui todo o caminho,
Que phantasma não era a primeira lição!
O ABC muitas tristezas me causou;
Que desgosto que eu tive em apprender!
E' que o meu coração adivinhou
A desgraça que é sabermos lêr!...

Annos depois, matriculei-me no Lyceu
Da pittoresca e linda villa d'Amarante...
Que desgraçado fui eu!
Não ha nada peor do que ser estudante!...
Antes vivesse sempre lá, na minha aldeia,
Perto da serra d'onde vem a lua cheia...
Como as aves do céo, como as flores dos prados
E como as rochas onde ha mouros encantados...
Vêde o Lyceu onde estudei. E' um monumento
Que tem quartel, repartições e foi convento!
Tem um atrio onde existe um tanque e um chafariz,
Que é, de todos os que eu conheço, o mais feliz!
Pois ha vinte annos que não deita gotta d'agua,
Ha já vinte annos que não chora a sua magua!
Ha já vinte annos que não soffre uma afflicção...
Dir-se-hia até que elle perdera o coração!...
Dá para esse atrio a verde porta principal

De antiquissima igreja, — a igreja parochial,
Onde de São Gonçalo existe o mausoléo,
N'uma ermidinha que elle fez e onde morreu...
Viuvas e velhas, que na vida ainda esperaes,
Todos os dias, a este Santo vós resaes...
Constantemente junto ao seu doirado altar
Ouvem-se uns SS piedosos sybillar...
E negros vultos, sobre as lages religiosas,
Levantam para o Santo as mãos esperançosas...
Não comprehendo que elle adore unicamente
Aquellas com quem já se não importa a gente...
Apenas gosta de viuvas ou velhinhas
Que mal podem andar, que são entrevadinhas.
E, sem alguem saber, canta-lhes mil cantigas
Cheias d'amor... Mas que as não ouçam raparigas!
São para as velhas simplesmente essas canções...
Em as cantando, logo prendem corações.
Um bello dia, emfim, cahiu na grande asneira
De as ensinar a uma velhota falladeira...
Foi um horror! Já não havia rapariga
Que do Santinho não cantasse uma cantiga!
E que desgosto não teria São Gonçalo!
Que dôr de coração e que profundo abalo!
Vêr as suas canções, que foram inspiradas
Por cabellos de neve e boccas desdentadas,
Como pennas, pairar em boccas maliciosas,
Onde ha beijinhos em botão, como os das rosas!...
Em labios d'oiro de garotas raparigas,

Como uma lamina, vibrantes de cantigas;
Tão côr de rosa e tão trementes de desejos,
D'onde voam canções perfumadas a beijos...

I

Vêde o Lyceu Nacional onde estudei
Preparatorios n'esse tempo em que eu plantei,
N'um arido jardim, no jardim do meu peito,
Uma flor rara que se chama Amor-Perfeito...
Triste de quem a viu na alma rebentar...
Triste de quem a viu, um dia, estiolar...
Como um vento gelado, hysterico, outomnal,
De folhas mortas cobre o meu saudoso Val;
Assim um outro vento o nosso amor desfolha...
E, em nosso peito, vae tombando folha a folha...
Meu coração, para que foi que tu amaste?
Dize: para que foi que assim te suicidaste?...

N'este Lyceu, sem estudar, muito apprendi...
Bastou-me aquelle triste sonho que vivi;
E o que o meu coração em versos transformou,
P'r'os recitar a uma Princeza que elle amou...
A essa sciencia ideal, a esse sonho, eu devo

Tudo o que sinto, que é tudo o que eu escrevo.
Foi n'esta escola onde apprendeu meu coração
Essa philosophia ideal d'uma oração.
Alli apprendi eu, sósinho, em noites bellas,
A traduzir a linguagem das estrellas...
Aquella Historia Natural que é um canteiro
Com paginas em flor, ou um formoso outeiro,
Por onde a mão da Natureza, em lindo verso,
Escreveu o maior Poema do Universo!...
Grande Poema, mas só raras vezes lido,
E até nem sei se alguma vez comprehendido!...

Meus santos professores,
Com quem eu estudei a sciencia dos amores,
Emquanto vós prelecionaveis as lições,
A vossa voz ia juntar-se á das canções
Das lavadeiras, das fresquinhas raparigas,
Que, muito alto, iam cantando essas cantigas
Que, suavemente, mui baixinho, lhes cantava
A agua do rio que, em suspiros, deslisava...
Meu professor de portuguez e de latim!
Eneida de Virgilio! Oh grande Bernardim!
D'essa *Menina e Moça* extraordinario auctor,
Ou das *Saudades* que são mesmo o nosso amor...
D'essa Menina que me déra os desenganos

Que anoiteceram tanto os meus vinte e dois annos!...
Menina e Moça que nascera entre olivaes,
E por quem eu parti de casa de meus paes
Por esse mundo além, p'ra longinquos paizes,
D'onde, um dia, voltei cheio de cicatrizes,
Como mendigo esfarrapado, ou peregrino
Que sobre a terra anda a cumprir o seu destino!...
Regressei a chorar... Quebrada a minha lança
Eu trouxe, e morta nos meus olhos a esperança!...

Este saudoso tempo assim o fui vivendo...
Estes dias d'amor foram desapparecendo,
Foram annuviando em nuvens de saudade
O escuro sol da minha inquieta mocidade...
Té que parti para Coimbra, um bello dia,
Enfermo de saudade e de melancholia...
Levava um não sei quê dentro do coração...
Longinqua aurora de ideal aspiração...
Indefinida Luz por quem me apaixonei...
Nuvem, mysterio, que, chorando, eu desvendei!...
Nevoeiro, fumo, vaga sombra luminosa,
Sempre cheia de luz, sempre silenciosa;
Assim distante como a mais longinqua estrella
E que, por vezes, tinha formas de donzella!...
Era uma aurora, um oriente; era um amor...

Fonte de luz onde bebi a minha dor...
Cheguei a Coimbra. Acompanhavam-me estudantes
Da minha terra... Vinham todos radiantes,
Alegres, a pensar talvez nas serenadas
Que, em lindas noites, vão p'las ruas alagadas
Da luz do luar, e harmoniosas de canções
E lacrymosas de gemidos de violões...
Vão percorrendo esta cidade medieval,
O Caes, a Lapa dos Poetas e o Choupal,
Os estudantes, com guitarras, bandolins,
Sob janellas onde ha rosas e jasmins,
Cujo perfume os embriaga e faz cantar,
Como em silvedo aos rouxinoes faz o luar...
E quantos deixam, lá na terra, o coração
Em outro peito que elles nunca esquecerão!...
Fica nas mãos de Princezinha enamorada
Que n'uma gruta, lá n'um val, vive encantada!...

. . . . . .

. . . . . .

Dois namorados que eu conheço, um certo dia,
Combinaram olhar p'rá estrella que annuncia
A chegada da noite... E assim os seus olhares,
Longe do mundo, amar-se-hão lá pelos ares!...
E assim á mesma estrella, além, na immensidade,
Uma saudade chega a quando outra saudade!...

. . . . . .

Rapazes que partis da vossa linda terra,
De ao pé do vosso amor, e que marchaes p'rá guerra

Da vida, todos vós, no momento do Adeus,
Quando a terra estremece e escurecem os céos,
Nunca esqueceis estes contractos amorosos
Que embriagam de luz vossos olhos saudosos...
Embora estejaes longe, assim ficaes mais perto;
O vosso peito ficará menos deserto...
E, na hora em que haveis de olhar para essa estrella,
Heis de julgar que sois mesmo a dois passos d'ella!...

E todos nós d'uma mentira assim vivemos;
E ante a verdade, a realidade, nós morremos!
Um engano me fez erguer as mãos ao céo,
E morri no momento em que elle falleceu...
Santa mentira, só tu foste creadora!...
Tudo inunda de luz a mentirosa aurora...
E o deserto do azul, o céo enganador,
Quantos mil corações embriagou d'amor!
Em quantas almas accendeu aquella luz
Que nos ensina um beijo ou a morrer na cruz!...
Que vendaval te faz vibrar, oh minha Lyra?
Que vento de saudade? Um sonho, uma mentira!...
Pois o que é a Verdade? E' o nosso peito olharmos,
E terra e nada e pó e cinzas encontrarmos...
A materia infeliz que o acaso organisou
E que um momento só soffreu e odiou!...

A um pinheiro

Solitario pinheiro desolado,
O que é que sentes? Dize... que saudade?...
Já que és da primavera abandonado,
Eterna deve ser nossa amizade!

Oh moribundo, oh ermo, oh fulminado
Pelos raios! A negra tempestade
Em ruinas te deixára um ninho amado
Que em teus ramos fizera a mocidade,

O amor que em peito d'ave se accendera...
D'essa ave que ouviste piar, piar,
Em busca dos filhinhos que perdera...

E, quando o oitavo dia anoiteceu,
Trémula nos teus ramos foi pousar,
E, piando... piando... alli morreu!...

A uma fonte que seccou

Com teus brandos murmurios embalaste
Os minutos dos meus primeiros dias...
P'los teus tristes gemidos os contaste;
Então era eu feliz e tu soffrias...

O meu pomar mil vezes o regaste
E as suas flores assim reverdecias...
E, quando as tuas lagrimas choraste,
Como esta dor que eu tenho entenderias!...

Hoje tudo mudou. Secca estiagem,
O que fizeste tu das claras aguas
Onde, uma vez, eu vira a minha imagem?...

Raios de sol que as fontes evaporam,
Levando para o céo as suas magoas,
Seccae tambem os olhos dos que choram!...

Paizagem do meu desterro

Que dias os de exilio! Desterrado,
Para aqui vivo só, abandonado;

Por estes fragaredos, n'este monte,
Sem cantos d'ave ou murmurar de fonte...

Algum outomno por aqui passou,
Que as arvores e as flores, tudo seccou...

Aos aguaceiros vivo exposto e ao vento
E ás tempestades do meu Pensamento!

Ha quasi sempre n'esta solidão
Tremores de terra do meu coração,

Vendavaes, furacões e tempestades!...
Como as do céo são feitas de saudades,

D'aspirações já mortas, de descrenças
E de magoas phantasticas, immensas!...

Meu coração, p'ra que me desterraste?
Para que foi que assim me condemnaste

A esta ingrata Terra Prohibida,
Onde as ruinas de toda a minha vida

Para sempre, talvez, vim habitar?!...
Que triste é a minha casa. Faz chorar!...

Parece uma arruinada sepultura
Que nunca alguem olhou com amargura...

Cova desfeita, aonde sempre inverna...
Cova, que para os outros és eterna!...

Não ha pedra que tenha uma inscripção,
O vestigio, o signal, d'um coração.

Oh minha casa tão deserta e nua,
Chove nos teus salões como na rua! . . .

Do seu telhado, oh vento, o que fizeste?
Pelos montes e valles o perdeste,

Quando, uma vez, sopraste desolado,
E me disseste que eras desgraçado!

Pelas geladas noites invernosas
Encontro, ás vezes, almas mysteriosas,

Almas queridas, cheias de esplendores. . .
Almas de meus avós, todas amores! . . .

Passam ao fundo d'uma sala escura,
Em luminosas sombras de brancura,

Que me estendem as mãos, abençoando-me...
Mãos de luz que na vida vão guiando-me,

Amparando este corpo enfraquecido
Que tanto, em poucos annos, tem vivido!...

Emquanto a tempestade destruidora,
Em altos gritos, ruge lá por fóra!...

E junto do meu leito, oh minha magoa!
Ouço cahir no soalho pingas d'agua;

Pingas de chuva, lagrimas vertidas
Por saudades e dores desconhecidas...

Que produzem um ruido muito triste,
Como tu, alma minha, nunca ouviste!...

Espero a luz do sol, com que anciedade!
A luz que faz voltar-me á realidade...

Abro a vidraça, e vejo amado monte
Que recorta um perfil lá no horizonte...

Um perfil genial de lindo rosto
Que se torna phantastico, ao sol-posto!...

Donzellas, qual de vós tem um assim?
Qual de vós quer o meu amor sem fim?!...

Se acaso me debruço na janella
E vejo o sol morrer, lembro-me d'ella...

Ella quem é, meu coração? Responde...
Nada me dizes. Aonde mora, aonde?...

Quem sabe lá! Quem sabe se morreu...
Nunca existiu talvez, nunca viveu!...

Em volta á minha casa ha só destroços,
Fundos abysmos, negros como poços...

Quem d'elles se abeirar sente vertigens...
E hão de ser sempre impenetraveis, virgens...

Tudo é silencio! Tudo é solidão!
Nem sei se me acompanha o coração...

Sempre no meu jardim vou sepultando
As murchas illusões que vão finando,

E que em meu peito linda mão plantou...
Decerto a mesma mão que m'as roubou...

As illusões, amantes dos Poetas,
Mortas, parecem seccas violetas...

Poeira roxa de velhinha dor,
Aromaticas cinzas d'um amor

Que aos lindos quinze annos todos temos,
E que jámais, jámais, nós esquecemos...

Como a estrella tristissima da tarde,
Para sempre nos nossos olhos arde...

E é o seu clarão saudoso e magoado
Que dicta a nossa sorte, o nosso Fado...

Que triste o meu jardim! Todas as flores
São cadaveres de rosas e d'amores...

Os repuxos não deitam gotta d'agua;
Deitam salgadas lagrimas de magoa,

Que tudo seccam, nada reverdecem,
E que nada perdoam, nada esquecem!...

N'esta terra de secco e arido pó,
Irei vivendo assim, commigo só...

Por aqui viverei triste e sósinho,
Onde nem cresce a flor do rosmaninho,

Nem os altos pinheiros solitarios,
Nem as urzes de todos os calvarios;

Debaixo d'este céo tempestuoso,
D'este profundo céo mysterioso...

Por esta morta e funebre paizagem,
Que é mesmo a minha cara, a minha imagem...

Viverei por aqui sempre cantando
Todas as lagrimas que fôr chorando...

E os ais, que pelo céo andam dispersos,
Serão a eterna sombra dos meus versos!...

A' Lua

D'uma montanha, á tarde, surges desmaiada,
Como um navio a apparecer lá no horizonte...
Atravessas o céo de vela desfraldada,
E escondes-te, depois, além d'um outro monte...

E, da praia da Terra, estendo o meu olhar
Na superficie azul do Atlantico do céo...
As suas ondas elle faz encapellar,
E quantas naus, quantas estrellas, já perdeu!...

Desejo descobrir no horizonte sombrio
Amada vela que, de longe, branquejasse
Nos altos mastros de chimerico navio
Que junto d'estas penedias ancorasse!...

Mas esta praia é traiçoeiro promontorio;
Não deitou ferro aqui nenhuma caravela...
Todas se afastam d'este Cabo Tormentorio,
Só na distancia passa a nódoa d'uma vela!...

Por mais que eu grite em alta voz, por mais signaes
Que faça, não ha um piloto que se atreva,
D'esta costa deserta a approximar-se mais,
D'esta tragica praia escura como a treva!...

Vista do céo parece um tumulo de granito,
Envolto em nuvens traiçoeiras, perigosas,
Aonde vão morrer as ondas do Infinito
Unicamente ao meu ouvido harmoniosas!...

Oh esteril deserto, oh Terra arida e fria!
És do Universo um continente desgraçado,
Onde apenas produz a baça luz do dia
Um navio que vae, pelo espaço, incendiado!...

É d'esta praia que os meus tristes olhos vão
Em procura d'algum navio aventureiro,
Onde possa embarcar, emfim, meu coração,
O eterno condemnado, o eterno prisioneiro!

É quando eu vejo então a lua pelo Azul,
Ao vento desfraldando as velas ondeantes...
Lá vae singrando, vae, em direcção do sul,
Descobrir terras encantadas e distantes!

Vae através do céo profundo, mysterioso,
Sulcando do Infinito as ondas crystallinas
Que se quebram d'encontro ao Cabo Tormentoso,
Onde ha rochas que são palacios em ruinas!...

Ella lá vae, lá vae! Oh, meu Deus, que saudade!
Que desespero estar a gente preso ao mundo!
Emquanto a lua corta a etherea immensidade,
Essas ondas azues d'um mar que não tem fundo!

Mas, ai, no seu convés não descubro ninguem!...
É um navio deserto, á toa, navegando,
Esqueleto a boiar por esse espaço além,
Que, para longe, uma corrente vae levando...

Venus

Venus a Bella brilhava no céo.

HOMERO.

I

Oh pallido planeta que alvoreces
Quando o Azul principia a escurecer,
Com que tristeza, além, tu appareces...
É da pena que tens d'alvorecer...

Oh astro melancholico e sósinho
Que o sol deixa no céo, á hora da morte,
Bem triste o teu destino e bem mesquinho...
Choras pelo Infinito a tua sorte!

Sei como és infeliz, e a desventura
Que existe n'essa luz que o sol te deu,
Que até parece, ás vezes, pôr-se escura...
E, como a tua luz, assim sou eu...

Como o meu coração, és infeliz.
Se eu olho para ti, quasi á noitinha,
Parece-me que a tua luz me diz:
Foge, deixa-me assim brilhar sósinha!...

Como os olhos de quem um triste Fado
Anda por este mundo a padecer,
Sabem de cór o teu luar magoado
Que n'elles sempre, á noite, vem morrer...

E, em cantigas de suave claridade,
Cantam os teus fulgores que morreram,
Esses olhos céguinhos de saudade
Que apenas sabem ver o que perderam...

E donzella haverá que, em noite escura,
Ouvindo taes canções, chegue á janella . . .
E alli fique scismando na amargura
D'esses olhos irmãos dos olhos d'elia!

Irmãos pela tristeza e pela dor . . .
Os d'ella porque ainda não amaram,
Os outros por perderem um amor,
Assim as mesmas lagrimas choraram.

E, pouco a pouco, então desvendará
Um segredo que tanto a torturava!
E esse canto, baixinho, lhe dirá
Que alguem, desde menino, a procurava! . . .

II

Oh pallido planeta! Oh companheiro
De viagem do mundo que eu habito,
Desde essa hora de luz, desde o primeiro
Dia em que tu raiaste no Infinito!

Ambos eternamente navegaes,
Através do Azul mysterioso,
Em demanda d'um porto que jamais
Achareis n'esse mar tempestuoso!

Da amurada da Terra, os olhos meus
Querem surprehender aquelle rumo
Que ousadamente levas pelos céos,
Por essas ondas brandas como o fumo . . .

Mas, como o teu principio, o teu destino
Ignorado p'ra sempre ficará . . .
Não é um homem vil e pequenino,
Que a tão immensa altura chegará!

Venus e a Terra e os proximos planetas,
Da luz do mesmo sol, todos brotaram . . .
Isso só comprehendem os Poetas
Como é que os soes os mundos fecundaram!

Só os Poetas podem surprehender
Os mysterios de toda a creação.
Conhecem Deus, nos astros sabem ler,
Nas almas e nas ervinhas do chão . . .

III

Tu já não és a *Estrella do pastor,*
Venus! Virgilio nunca mais cantou,
De simples pastorinha, um triste amor
E as ovelhinhas que ella apascentou!

Ha quantos annos já que elle morreu!
Da sua Lyra as cordas se quebraram!
Foi quando a tua luz anoiteceu
E as Nymphas, com saudades, se mataram!...

E nos montes de Italia e nos outeiros,
Onde era bom sonhar eternamente,
Já não vivem amantes pegureiros,
Tangendo as suas frautas tristemente...

Nos valles e nos bosques nunca mais
Amou um deus humana formosura . . .
Ainda choram Virgilio os salgueiraes,
Os Zephyros e a fonte que murmura . . .

A dor da Natureza és tu, Virgilio!
Pois tudo chora, ou arvores ou flôres,
Este nome que rima com o Idyllio
De Daphnis e Cloé, de dois pastores!

Venus, és hoje um mundo como é este
Onde eu nasci, com rios e oceanos . . .
Sei que percorres esse azul celeste,
Vertiginosamente, ha milhares d'annos!

Tens montanhas, vulcões, ilhas, cidades,
Homens que odeiam, peste, fome e guerra;
E Poetas que hão de amar e ter saudades
Ao vêr lá pelo Azul brilhar a Terra! . . .

Para quantos amantes corações
És uma estrella, ó mundo pequenino!
Quantos olhos desertos de illusões
Te hão de interrogar sobre o Destino!

Ao teu luar gentil e mentiroso,
Estranhos rouxinoes hão de cantar,
Junto á margem d'um rio lacrimoso,
Sempre a dizer adeus! sempre a chorar!...

Talvez já foste o astro guiador
D'outros reis magos, vindos d'outro oriente,
Para ver, n'outro berço, outro Senhor
Que, n'outra cruz, morreu por outra gente!...

E o que és tu, oh mundo que eu habito?
És a mentira, a infamia, a falsidade,
És uma nodoa a mais d'esse infinito,
Uma barreira a mais da immensidade!...

São montes d'esqueletos, os teus montes.
Nos teus valles só nasce o cardo exangue.
E as aguas dos regatos e as das fontes,
Assim como as do mar, feitas de sangue!

O Planeta onde vi a luz do dia,
Com lagrimas de sangue foi regado!
E ha, no espaço, um sol que ainda allumia
Esta esphera de lodo ensanguentado!

E que habitantes tem! Vejo-os passar
Infames, imbecis e pequeninos,
Deixando atrás de si, a rastejar,
Phantasmas de ladrões e d'assassinos!

Poetas, que outros mundos habitaes,
D'esses mundos tambem assim dizeis.
Ao mesmo Ideal tambem vós aspiraes,
E, o que eu escrevo, é aquillo que escreveis!...

Em pontinhos de luz que, no horizonte,
Por mui pouco este mundo vém tocar,
Vós habitaes tambem junto d'um monte,
Onde parece a Terra ir a pousar . . .

E entre nós, meus Irmãos, que immensidade!
Quantos milhares de leguas entre nós!
Dos mundos só se avista a claridade,
Estrellinhas de luz que brilham sós . . .

Luminosos planetas que parecem
Brazas eternamente incandescentes,
Que nunca aos nossos olhos escurecem,
E que giram, no espaço, inconscientes . . .

Ahi viveis desconhecidos Poetas . . .
Os segredos de Deus tambem sondaes.
Da vossa Historia fostes os prophetas;
O que ha de acontecer adivinhaes . . .

Os vossos bellos cantos bem n'os ouço;
Atravès do Infinito conversamos . . .
O meu estranho amor é egual ao vosso,
No mesmo mar celeste navegamos!

Do mesmo porto, um dia, nós partimos,
Meus fortes camaradas da Aventura!
E só ilhas desertas descobrimos,
Terras aonde é sempre noite escura!

As mesmas tempestades assaltavam
As nossas destemidas caravelas,
Que sobre montes d'agua navegavam,
Já sem governo e os mastros já sem velas! . . .

A mesma estrella fixa nos guiou . . .
E, um dia, a mesma estrella nos mentiu.
A mesma sorte nos abandonou
N'este alto mar que nunca alguem mediu!

Sem um rumo, Poetas, navegamos! . . .
Todas as terras são as derradeiras;
E sempre novas terras avistamos
Das nossas velhas naus aventureiras! . . .

Do longinquo, d'além, qual fumo leve,
Só tocam de mansinho o nosso olhar,
Que a voltar-se p'ra ellas mal se atreve,
Com medo de as perder, de as apagar . . .

Mysteriosas ilhas virginaes,
Com solitarios valles e campinas,
A cem mil leguas, tremulas, brilhaes
Entre as ethereas ondas crystallinas! . . .

Mas, de contrarios ventos, as rajadas
Afastam-nos assim d'esses paizes,
D'essas praias que ficam ignoradas,
E onde, talvez, nós fossemos felizes! . . .

E, de varios navios tripulantes,
Vamos cantando ao mar os nossos versos!
Cantos de marinheiros, tão errantes,
Tão doidos, como os Fados são diversos!...

Recitamos ao mar do Firmamento
Cantos de maldição, versos d'agouro,
Emquanto na cordagem chora o vento
E o grande Sol enche o Infinito d'ouro!

Assim vamos em verso transformando
Tudo o que nós olhamos e sentimos;
O que vae a memoria recordando
E o que depois, por ella, descobrimos...

E as nossas naus, sem medo á estiagem,
Nem ao negro horizonte escurecido,
Vão seguindo a phantastica viagem
Em demanda do Além desconhecido!...

IV

De nebulosa tenue e transparente,
Formar-se-ha um mundo em milhares d'annos . . .
Depois o vegetal, o ser consciente,
Sonhos, aspirações e desenganos! . . .

E, d'entre este terrivel cataclismo,
Nasce o Poeta e a vida quer matá-lo!
E assim tem de viver junto a um abysmo
De bocca aberta, prestes a tragá-lo!

Lembrando o que passou, amaldiçôa
O presente; e, mostrando o tenebroso
Futuro, o grande Ideal sempre apregôa
Do seu calvario rustico e arenoso! . . .

E, batido da chuva e do granizo,
Sem um amor, sem lagrimas no olhar,
Abrindo os frios labios n'um sorriso,
Ensina os outros homens a chorar! . . .

Coração

O orgão que trabalha eternamente,
Dentro de nós, sem nunca descançar,
N'elle se tem perdido toda a gente
Que, por acaso, lá deseja entrar . . .

A dizer-nos verdades elle mente . . .
Ás vezes, quando ri, põe-se a chorar.
E tudo n'um momento elle presente,
E mil segredos sabe adivinhar!

É capaz de odiar o seu amor;
E, blasphemando, reza uma oração . . .
É um abysmo, é uma aurora, é um sol-pôr . . .

Cada sua fatal palpitação
Quanta luz nos desvenda e quanto horror . . .
Que monstro que tu és, ó coração!

Os meus phantasmas

Lembranças que jamais se desvanecem
Os meus olhos tornaram marejados
De lagrimas, de soes, a que se aquecem
Os que têm fome, os nús e os desgraçados!

Pela memoria, assim como apagados,
Phantasmas que os meus nervos estremecem,
Vão passando longinquos e afastados,
Como se em outro mundo elles vivessem . . .

São almas de chimeras que morreram . . .
Nas noites sem luar do coração,
Apparecem áquelles que as perderam . . .

Oh almas de esperanças e de dores,
Commigo conversae na escuridão . . .
Apparecei-me a mim, 'spectros d'amores! . . .

Através do mundo

I

Um dia, n'uma gare provinciana,
Embarquei para o mundo, desolado,
Qual triste espectador da vida humana
Que os que choram vae vêr . . . tendo chorado.
Assim parti da terra luzitana,
Por caminho mil vezes já trilhado,
Para que veja o meu olhar profundo
O que tanto infeliz vê n'este mundo.

II

A' pequena estação chegou agora
O caminho de ferro a fumegar.
Amanhece da serra a luz d'aurora . . .
Ha muitos passageiros p'ra embarcar.
Todos vamos partir p'la terra fóra;
Cada um o seu destino ha de levar . . .
Só eu vou percorrer o mundo todo,
Em toda á parte vêr o mesmo lôdo!

III

Escolhi um logar na carruagem
Que estivesse mais junto da janella,
D'onde pudesse vêr toda a paizagem
Que passasse através dos vidros d'ella . . .
Fixarei bem melhor a sua imagem,
Vendo-a, fugindo, assim como uma estrella
Cadente que incendeia todo o céo,
E que rapidamente se perdeu! . . .

IV

Com que velocidade immensa andamos,
E as montanhas e os valles percorremos!
Ou no ar, como as aves, viajamos,
Ou debaixo do chão nos escondemos . . .
E tudo, n'um momento, atravessamos!
A distancia já mal a percebemos! . . .
E quanto mais desgraças nos consomem,
Quanto mais junto a Deus se julga o Homem! . . .

V

Accendo um mau cigarro. E percorrendo
Vou, com os olhos, montes e campinas.
Tetricas nuvens vão escurecendo
As ondas do azul tão crystallinas!
E vejo a luz do dia amortecendo,
Dando ás cousas tons vagos de ruinas,
Os contornos e as linhas apagando,
Que a clara luz do sol ficam chorando . . .

VI

Frio vento do outomno, o vento norte,
Gela os ribeiros e assassina as flôres,
Imitando, ao cantar, a voz da morte,
Aquella voz que ouvi aos meus amores!...
Não ha arvore velhinha que não corte,
Perfume que não perca... e não ha dores
Que não saiba avivar em todo aquelle
Sêr que tem vida, e que não é como elle!...

VII

Que desolado é o mundo! Como é triste
A paizagem que vou atravessando,
Onde nem um outeiro verde existe,
Onde todos os sêres vivem, chorando!
E nem um canto alegre ainda ouviste,
Meu coração! que vives batalhando
Contra uma Sombra heroica, ameaçadora,
Mas sempre sombra, sempre enganadora!...

VIII

Phantasticas montanhas escabrosas,
Erguem-se, muito além, sombriamente . . .
Se fossem transparentes, vaporosas,
Ver-se-hia o espaço indefinidamente!
As suas altas rochas caprichosas
Recortam o horizonte toscamente,
D'onde, brancas de dor, dizem adeus
Tenues nuvens que partem para os céos . . .

IX

Ás terras do Passado ora cheguei.
Arenosas planices percorri;
Só ruinas velhinhas encontrei,
Só poeiras e cinzas descobri! . . .
Sósinho, estas ruinas invoquei;
Mas nada me disseram, nada ouvi.
A sua austera e tetrica mudez
Chorava o que ellas foram uma vez . . .

X

Oh grandezas que os annos desfizeram!
Oh edades de luz que se apagaram!
Gerações que, ha mil annos, se perderam,
Vossas cinzas sómente a nós chegaram!
Restos que corações que já viveram,
Que tão heroicos sonhos já sonharam,
N'esse tempo de luz desapparecido,
Que tornou triste o tempo que hei vivido!...

XI

E, recordando a velha e antiga Historia,
Ás cinzas assoprei do que passou.
Oh esperança chimerica e illusoria,
Nem a mais frouxa luz se incendiou!...
Apaga-te do espirito, oh memoria!
Para desgraças só Deus te creou.
Na lucta entre o impossivel e o querer,
Eternamente, havemos de viver!...

XII

Do Universo durante toda a vida,
Ha de esperar o Homem sempre em vão!
Na alma a mesma luz sempre accendida,
E, em volta, sempre a mesma escuridão!
Sempre á vista da Terra Promettida,
Ha de morrer o nosso coração!...
E assim foi desde a mais antiga edade,
E assim será por toda a eternidade!...

XIII

Tristes ruinas! Lagrimas do ermo!
Oh tristeza dos valles e dos montes!
Oh chagas d'este mundo tão enfermo,
Que ensanguentaes, á tarde, os horizontes!...
Vós habitaes a Terra e o seu Termo;
Existis no deserto ou junto ás fontes,
Aonde quer que pudeis a um desgraçado
Recordar-lhe, sem dó, todo o passado!...

XIV

Por toda a parte pedras e silvedos,
Marmores partidos, vastos areaes!
Castellos a cahir sobre rochedos,
Que vós, oh folhas d'hera, ainda amparaes!
Tudo é em ruinas cheias de segredos . . .
Se em voz alta eu fallar, tambem fallaes
As vosso triste amante, ao vosso amigo . . .
E só dizeis, escombros! o que eu digo . . .

XV

E penso então, oh valles semeados
De destroços de templos, de ruinas,
Que somos egualmente desgraçados,
E que a sorte nos deu as mesmas sinas! . . .
Como se tambem fosseis condemnados
Ao fim que tu, Senhor, p'ra mim destinas . . .
Pois é egual á minha a vossa voz,
E sentis o que eu sinto, e viveis sós . . .

XVI

Mas, ai, não tendes vida! Já morrestes,
E jamais pudereis resuscitar . . .
O que fugiu de vós, o que perdestes,
Não tornará, meu Deus, a regressar!
Dos seculos de luz em que vivestes
Já nada existe. A voz que ouvi fallar
Era só minha e vinha de bem perto,
D'um peito, como vós, assim deserto! . . .

XVII

Adeus! Adeus! oh terras que eu andei
De lagrimas nos olhos, pensativo,
Atrás d'um lindo sonho que sonhei,
D'essa luz que com lagrimas avivo!
Meu sonho! quanto mais te procurei,
Quão mais de mim andaste fugitivo,
Rodeado de mysterios e d'assombros,
E a gritares por mim d'entre os escombros! . . .

XVIII

Segui a tua voz constantemente;
Essa divina voz que era egual
Aquella que eu fallava antigamente,
Quando moço vivi em lindo Val...
Mas só o desengano, cruelmente,
Mostrou-me a eterna Dor, o eterno Mal!
Só ruinas aos meus olhos appareceram,
Só destroços que nada me disseram!...

XIX

Continua o comboio a percorrer
As arenosas terras do Passado...
A noite principia a escurecer
Sem nos deixar o céo todo estrellado!
Nem oasis de luz eu vejo arder
No deserto da noite illimitado,
Onde se perdem tantos corações
Que viajam atrás de aspirações!...

XX

P'la fragil mão da Sorte dirigido,
(Que é o mesmo que se andar desamparado)
Da terra que nos mostra o que ha morrido,
Ás terras do Presente sou chegado.
Meu coração doente, enfraquecido,
Mal o sinto, no peito, de cançado . . .
Assim cheguei, sósinho, a uma cidade,
Toda palacios, toda claridade! . . .

XXI

Com uma crua luz phosphorescente,
O gaz, agora mesmo, illuminou
Um boulevard, que logo immensa gente,
Apenas n'um momento, povoou . . .
E assim a luz da terra, cruelmente,
A luz do céo, o luar, assassinou!
Um brilhante clarão tudo allumia,
Pelas ruas parece mesmo dia! . . .

XXII

Que enorme multidão que por mim passa,
Rachitica, imbecil e pequenina!
Da porta d'um café vejo esta raça,
Dos homens d'hoje, baixa e libertina...
Quanto doido prazer, quanta desgraça!
O sol do boulevard sempre illumina,
Dando ás cousas tons vagos e chimericos,
Tornando os nossos rostos cadavericos!...

XXIII

Luz amaldiçoada e mentirosa,
Que derramas a falsa claridade
Sobre essa multidão tempestuosa,
Que tambem é mentira e falsidade!...
Oh luz gentil, devassa e crapulosa,
Tu és o sol da nossa mocidade!
A origem dos seus sonhos e chimeras
E das suas geladas primaveras!...

XXIV

Oh triste mocidade a que eu pertenço,
Velhinhos de desoito e de vinte annos! . . .
Eu sei da vossa dor; soffreis immenso,
É feito o vosso abril de desenganos! . . .
O mesmo nevoeiro escuro e denso
Anoiteceu tambem os meus enganos,
A treva derramou por toda a parte,
A Trèva que hoje inspira as obras d'arte! . . .

XXV

Esta rapida vida atravessaes,
O dia em que nascestes, insultando!
Na fé, no amor, em nada acreditaes!
Viveis, o que passou, sempre alembrando . . .
Do que morreu, do que não volta mais,
Vossa alma negra vae-se alimentando . . .
Viveis do que fugiu, de sombras vagas,
Que tu, luz dos meus olhos, nunca apagas!

XXVI

Rapazes do meu tempo, corcovados,
D'olhos no chão, marchaes p'rá sepultura . . .
Da crença, fé e amor desenganados,
Somente acreditaes na desventura . . .
Vossos ideaes vivem sepultados,
Em funda cova, aberta em terra dura . . .
Só n'ella descobris a felicidade,
E a morte é a verdadeira mocidade! . . .

XXVII

Cyprestes, que mostraes ao viajante
O palacio encantado d'uma cova,
Onde habita, p'ra sempre, amor constante
Em peito de rapaz ou mulher nova,
Contae a triste Historia, ao viandante
Para que elle estremeça e se comova,
De quem á vossa sombra adormeceu
De mãos, em cruz, no peito e olhos no céo . . .

XXVIII

Contae a minha Historia. Quem na ouvir
Julgará ser a sua historia triste . . .
E junto do meu tumulo ha de vir,
E reparar em si, a vêr se existe . . .
Pódes o teu destino descobrir,
Oh pobre caminhante! É como o ouviste
D'essa voz, que tão bem sabe chorar,
Que até parece vir d'algum olhar . . .

XXIX

Quem percorrer as lindas avenidas,
D'um cemiterio rustico e formoso,
Logo avista essas arvores erguidas,
Em demanda do céo mysterioso . . .
E nunca pelo inverno são despidas
Das folhas, quer habitem arenoso
Terreno que nem peste, guerra e fome
Adubam, quando tudo elle consome! . . .

XXX

Consultae, meus Irmãos, esses prophetas,
Sobre o vosso destino, e dir-vos-hão,
Sem palavras, assim como os poetas
Verdadeiros, que tudo é uma illusão!...
Que as vossas almas loucas, inquietas,
Morrem quando vos pára o coração,
Quando vae vosso corpo hirto, gelado,
Em doirado caixão, ser enterrado...

XXXI

Quando bateis ás portas da Cidade
Eterna, que um coveiro vem abrir...
Adeus, mentira, dor e falsidade!
Como os mortos dos vivos se hão de rir!...
D'esses que, trespassados de saudade,
Chorando, de joelhos, vão cahir
Sobre essas campas rasas, onde um sêr
Soffredor, acabára de soffrer!...

XXXII

Assim cantaes a Morte, oh companheiros
D'este infortunio meu, d'este desterro!
Á luz do raio, sob os aguaceiros,
N'algum esteril, desolado cêrro,
Por altos montes, por despenhadeiros
Inaccessiveis, onde nunca o ferro
Agudo d'um arado alli sulcou
A terra, onde uma Flor só rebentou!...

XXXIII

É uma unica Flor mysteriosa
Que só o outomno torna perfumada...
De gottas de perfume lacrimosa,
Parece uma donzellá abandonada!
Alma que a veja, fica tenebrosa!
Abrange o céo, mas fica desgraçada!
Maldito seja o dia em que a encontrei,
E em que o seu triste aroma respirei...

XXXIV

Logo me vi perdido, sem ninguem!
A sonhar, sonhar, logo parti,
Sem um rumo, por esse mundo além,
Chorando sempre o tempo que vivi!
Mas esse tempo já nem cinzas tem!
Reliquias, que nem sei como as perdi...
Algum vento do outomno moribundo,
N'um turbilhão, varreu-as d'este mundo!...

XXXV

Meu triste Fado não me abandonava!
Continuei viajando, sem parar...
Atrás de mim, destroços eu deixava,
Ruinas dos horizontes a acenar...
Mas eu continuamente andava, andava,
Nem para trás o rosto quiz voltar!...
Até que fui bater a uma cidade,
Onde hoje se envenena a mocidade;

XXXVI

Onde peores escombros encontrei
D'almas, de consciencias maculadas!
E as lagrimas, que então eu derramei,
Ficaram, ainda no ar, envenenadas!...
Apenas sombras d'homens deparei,
Sombras de tudo, sombras desprezadas
Da luz do sol, da verdadeira luz,
Que ainda hoje aurcola a fronte de Jesus!...

XXXVII

Na tua fronte, oh Christo, incendiada
D'aquelle immenso sonho que sonhaste,
Vejo as cinzas, o pó, d'essa alvorada
Com que debalde o mundo illuminaste!
Aos nossos pés tua alma foi calcada!
Odiaram-te a ti, que tanto amaste!...
Foste um simples a mais, foste um vencido,
E já subiste á cruz desilludido!...

732923

XXXVIII

Do teu rosto, os teus olhos emigraram
Para o céo; mas apenas um deserto,
Como esta terra esteril, encontraram!
E, o teu peito de feridas todo aberto,
As mesmas dores sem fim o atormentaram!
Chamaste por teu Pae, julgaste-o perto...
Esqueceram teu nome os seus ouvidos;
Ninguem ouviu, ninguem, os teus gemidos!...

XXXIX

Do céo e d'este mundo abandonado,
Mais martyr tu ficaste, bem maior,
Mais dolorido, mais crucificado!...
Ficou mais infinito o teu Amor,
Do teu sangue o Calvario mais regado,
Mais luminosa Estrella a tua Dor!
N'esse instante, o teu nome foi bemdito,
E abraçou tua cruz todo o Infinito!...

XXXX

A Virtude e o Bem, quem não sonhou,
Quem, como tu, assim o concebeu,
E por altos agrestes o prégou?!...
Senhor! mas o que foi que aconteceu?...
Teu castello doirado se arruinou,
Pedra a pedra, na terra se perdeu!...
Viste o teu Sonho bello e solitario,
Em lagrimas, cahir no teu calvario!...

XXXXI

Viste o teu Sonho, em nuvens tempestuosas,
Á hora da morte, o céo escurecer,
D'onde rubras faiscas luminosas
Fusilavam a terra a estremecer
Em convulsões sinistras, tenebrosas,
Que o mundo pareciam desfazer
E os astros apagar, como apagado
Viste o teu grande Sonho irrealisado!...

XXXXII

Pouco depois, já mesmo nem havia,
Sobre o Galvario, erguida a tua Cruz . . .
E a terra, indifferente, consumia
Teu cadaver, e a cinzas o reduz . . .
E assim foi para todos os que um dia
Tentaram accender a mesma luz,
Sobre esta terra esteril e assassina,
Que os corações divinos extermina! . . .

XXXXIII

N'esta grande cidade, onde cheguei
Já cançado de crer e de esperar,
Só fingidas grandezas encontrei
Que nem cinzas sequer hão de deixar!
Quanta miseria obscura adivinhei . . .
Olhos que se escondiam p'ra chorar . . .
Tudo artificial, tudo fingido,
Como a sombra d'alguem que haja morrido . . .

XXXXIV

E, sósinho, entre toda a multidão
Que das compridas ruas trasbordava,
Que saudades sentiu meu coração
D'uma outra vida que elle adivinhava!
D'outro nascer do sol, d'outro clarão,
Que o luar dos seus olhos tanto amava!...
D'uma luz que ha mil seculos não brilhou,
E que, por culpa nossa, se apagou!...

XXXXV

Que nostalgia immensa me invadiu,
Que tristeza o meu corpo percorreu!...
Um mau estar como jamais sentiu,
Nova dor que elle nunca padeceu!...
Uma saudade do que nunca viu,
D'uma vida que nunca elle viveu,
Mas que instinctivamente presentia,
Como um cego presente a luz do dia!...

XXXXVI

E então, aos olhos meus, se desvendaram
Virgens florestas, solitarios montes;
Cavernas d'onde os homens emigraram . . .
Viçosos valles, crystallinas fontes! . . .
Que os nossos bons avós abandonaram,
Indo em busca de novos horizontes,
D'onde os chamava estrella mentirosa
Que uma sina lhes deu desfortunosa! . . .

XXXXVII

Homem, que triste sonho que sonhaste! . . .
Logo partiste, e nem adeus! disseste
Ao val onde a primeira vez amaste,
E onde o primeiro leite tu bebeste! . . .
Fallaram-te de Deus, e acreditaste.
E d'esse Deus, mais tarde, tu descreste . . .
Fallaram-te do amor; soubeste amar.
Veiu a duvida, e sabes duvidar! . . .

XXXXVIII

Quizeste desvendar os teus segredos,
Mas, ai, o teu olhar deixou de vêr! . . .
Tu vives como os verdes arvoredos,
E, como elles, no outomno, has de morrer!
Teu peito é como o peito dos rochedos,
Que só um raio pode desfazer!
Sem saber's porque vives, viverás . . .
Sem saber's o que é a morte, morrerás! . . .

XXXXIX

Meu velho semelhante, que partiste
Do val onde tua mãe te concebeu,
Essa doida ambição que tu sentiste,
P'ra sempre a minha vida anoiteceu! . . .
Se a futura desgraça tu previste,
Foi o meu coração quem na soffreu!
Do teu crime foi elle o responsavel,
Do teu primeiro crime inexpiavel! . . .

L

Ouvi, meus semelhantes, o que eu digo!
É a voz da natureza desolada,
D'um triste coração que é vosso amigo,
D'um punhado de cinza desgraçada!
D'um sonho de que o mundo é inimigo,
D'uma ruina d'antes habitada!
É a voz que chora ha mais de dez mil annos,
É a voz da Dor, a voz dos desenganos!...

Um dos meus dias

Dia triste d'inverno . . . Que amargura
A d'esta luz do sol pallida e baça!
Aos meus olhos as cousas desfigura;
Não ha linha gentil que não desfaça!

O claro azul do céo ella tortura,
E a côr lilaz dos montes ameaça! . . .
Essa dorida côr de desventura
Que um roxo veu por sobre o mundo passa . . .

Esse Poeta de genio, o louco vento,
Vae recitando versos desvairados
De estranha dor, de estranho sentimento!

Ás arvores que elle despe, e aos escarpados
Rochedos que phantastico tormento,
Pelos montes, deixou petrificados! . . .

A um sol que se apagou

Quando julgamos vêr tudo perdido,
E a esperança de nós desappareceu,
Lá fica o nosso olhar sempre volvido
Para os lados d'onde ella se perdeu! . . .

Lá fica o nosso olhar entristecido,
E baço como o olhar de quem morreu,
Em busca d'esse sol arrefecido
Que, dentro em nosso peito, se accendeu! . . .

Como é que um astro a cinzas se reduz?
Como é que já não ama quem amou?
Como é que fica treva o que foi luz? . . .

Mysterio nunca d'outrem revelado,
Meu triste coração te desvendou . . .
Antes o não houvesse desvendado! . . .

Ao Amor

Quantas vezes, Senhor, tenho tentado
Amar, amar! ficar de bem comtigo!
Ser do teu puro olhar abençoado,
E ser um teu eleito, um teu amigo!

Mas de tudo e de todos desprezado,
Sou um guerreiro eterno, um inimigo!
E as lagrimas que tenho derramado,
Embora para nada, eu as bemdigo!

São monumentos d'odio e de desprezo
Por tudo quanto é d'hoje, quanto existe!
O odio! o sacro fogo sempre accezo,

Eternamente a arder, sempre a brilhar!
Fogo consumidor que ainda resiste
Á palavra divina, — o verbo Amar!...

Aos meus semelhantes

Quando reparo em mim, e o meu olhar
Repousa, analysando, no que eu sou,
Que raiva, que vontade de chorar,
Eu sinto, ao vêr o pó que me formou!

Ha-de o meu corpo em cinzas dispersar
O vento que por mim ora passou!
Deixa meu coração de trabalhar . . .
Que mentirosa força te animou?! . . .

Ao meditar em mim, que horror eu sinto!
Que pequeninos somos, que banaes!
Como o vejo tão bem, como o presinto! . . .

Como detesto o lôdo envenenado
De que vós todos, todos, vos formaes,
E de que eu egualmente sou formado! . . .

Ao meu coração

Loucas aspirações senti nascer,
Dentro de mim, tumultuosamente.
Passei a minha vida a combater,
Sempre debalde, sempre inutilmente!

Tentei pintar. Na tela vi morrer
As linhas que traçava ardentemente!
Amado rosto, em pedra, quiz fazer,
Mas o cinzel quebrou-se; era impotente!...

Quiz escrever. Peguei na penna então;
Mas no branco papel nada escreveu...
Quão tremula e incapaz vi minha mão!

Fui a cantar. Meu canto estrangulado,
Ficou-me na garganta, alli morreu...
Quiz ser feliz, e sou um desgraçado!

Val da Saudade

Que tristeza que vae por este val sósinho,
Onde amaram out'rora, alegres, os pastores,
Emquanto as aves construiam os seus ninhos,
Que são palacios habitados por amores!

Lá no fundo do val, lá baixo, murmurava,
Muito baixinho, a meia voz, verde ribeiro
Que, em lagrimas, por-entre arroios, deslisava,
Sem que lhe dessem sombra os ramos d'um salgueiro!

Parecia levar saudades d'essa hora,
Em que elle ainda era nuvem voando pelo céo . . .
Um sonho que mudava, em oiro, a luz d'aurora,
E que, um dia, o destino em lagrimas perdeu! . . .

Por isso ia a chorar assim por sobre a areia,
Que, em mil brilhantes, transformava o claro sol.
Nas suas aguas, nunca á luz da lua cheia,
Morto de dor, veiu cahir um rouxinol!

Contra uns rochedos, na distancia, ia quebrar-se,
Em branca espuma, que uma nuvem nos parece,
Pousada sobre o mundo, e prestes a afastar-se
D'esse ribeiro que, ha mil annos, a estremece!...

Que triste é este val! Ao longe, no horizonte,
Nuvens dizem adeus! com brancas mãos de fada...
Mal ouve o nosso ouvido um murmurar de fonte,
E uma arvore, que eu amo, é velha e encarquilhada!

Na cova, onde julguei meu desgosto enterrado,
No maior dia que vivi, eu a dispuz!
Foi n'um dia em que o Sol brilhou mais inspirado,
E que o Tempo marcou com um traço de luz!...

Já n'este val se não encontram os pastores;
P'ra longes terras, com os lyrios, emigraram.
Só ha phantasmas, por aqui, dos seus amores . . .
E este ribeiro as suas lagrimas formaram!

É d'esta agua lustral que eu bebo, e é com ella
Que extingo este vulcão, que a minha dor abrando!...
Cada gotta d'esta agua é luminosa estrella
Que, para um novo céo, meus olhos vae voltando!...

Oh lagrimas d'amor! Astros que andaes errantes,
Pelo espaço sem fim d'algum saudoso olhar!
Sois outros mundos, tambem tendes habitantes
Que, uns aos outros, sem dó, tambem se hão de matar!...

Já mal póde voar aquella borboleta . . .
Pousou agora, além, n'uma folhinha inerme.
Com que tristeza, anda a chorar sua dor secreta . . .
Que saudade terá do tempo em que era verme! . . .

Lá muito em cima, mesmo ao alto d'um outeiro,
Ainda novo, mas já curvado para o chão,
Ha oito invernos, morre alli triste pinheiro
Com saudades do tempo em que elle era pinhão! . . .

Triste pinheiro, que assim vives tão sósinho,
Na encosta d'esse monte, assim tão desolado!
Ninguem te entende, nem sequer tens um visinho
Que tu estimes, com quem falles um boccado . . .

Na terra mãe, onde nasceste, és estrangeiro . . .
E, n'uma tempestade, um raio te assombrou,
Junto aos teus pés, matando um triste pegureiro
Que, á tua sombra má, da chuva se abrigou! . . .

E bem ouviste então, tristemente, as ovelhas,
Chorando o seu pastor, dispersas pelos montes,
Emquanto o vento apunhalava as arvores velhas
E Jupiter lançava o fogo aos horizontes! . . .

Do cutello o teu corpo é todo cicatrizes . . .
Não ha martyrio, nem ha dor, que te desgoste.
Sentes o amor sem fim dos ramos ás raizes . . .
Deus das arvores, tambem crucificado foste!

Que paizagem tão triste! E quantas sombras vagas,
De suspiros e ais, escurecem o céo!
Que tu, oh sol, monstro de luz, jámais apagas,
Por mais que brilhes, sempre a noite escureceu! . . .

E completa este quadro, um dia nevoento,
De chuva, quando o azul, por sobre a terra, chora . . .
N'essa apagada luz, que dores, que tormento,
Que saudades do tempo em que ella foi aurora! . . .

Que horrorosa ha de ser a cruel agonia
Da luz que se debate entre a treva e o clarão!
Deixar de illuminar! Vêr tudo o que allumia
Morrer, e produzir sómente a escuridão! . . .

Quando o sol chega ao mundo, ainda produz a vida;
Mas, presentindo o que ella tem de desgraçado,
Foge para outra terra morta, arrefecida,
E, quando volta a nós, vem pallido e gelado!...

Anoiteceu. Agora a Treva abraça o mundo.
A lua desmaiada apenas brilha além...
Como galera, vae sulcando o azul profundo,
Sem um viajante aventureiro, sem ninguem!

Perto de mim, caminham sombras illusorias...
Andam, no ar, almas errantes e presagios!
Passa o vento a gritar phantasticas historias
De tempestades, terramotos e naufragios!...

Depois, cahe o silencio. E sinto no meu peito,
O coração bater mais apressado e fórte.
E vejo como paira, em tudo o que é imperfeito,
O seu eterno ideal, o bom perfil da Morte!...

Aria da Morte

A aria da Morte eu vou cantando,
Melancholicamente,
De noite, quando sopra o vento, assobiando
Negras canções que aterrorisam toda a gente!...
Quando sombras e phantasmas,
Por entre os tumulos, caminham ás escuras,
D'onde sahem miasmas
E fogos-fatuos que incendeiam sepulturas...
Quando os pobresinhos,
Cheios de frio, vão a tiritar,
D'olhos no céo, pelos caminhos,
Mortos de fome e a rezar!
Quando é perigoso atravessar encruzilhadas,
Onde andam bruchas e demonios coruscantes,
A rir ás gargalhadas,
Que desnorteiam os nocturnos viandantes!...
Quando, por entre os arvoredos, brilham luzes,
Almas que, em vida, roubaram!
E quando gritam, p'los caminhos onde ha cruzes,
Os phantasmas de quem alli assassinaram!

Quando por entre os pinhaes,
Que o vento açoita doidamente,
Voam corujas, a dar ais,
Sinistramente! . . .
Quando os raios das negras tempestades
Estalam pelo céo distante!
Quando o silencio vem reverdecer saudades
E, d'um arbusto, a escuridão faz um gigante!

Donzellas, que passaes
O caminho da vida a rir e a cantar,
P'ra que vos illudis, vos enganaes?
Por cada hora de canto um anno heis de chorar!
Cada lagrima vertida,
N'uma canção se pode disfarçar . . .
É a mesma canção perdida,
Ou sahia d'uma bocca ou d'um olhar! . . .
Donzellas, que uma auréola de saudade
O vosso rosto torna d'encantar,
O que é que diz a vossa mocidade
Que, em cantigas, se perde pelo ar?! . . .
Esses cantos doirados,
Ás estrellas do céo, o que é que vão contar? . . .
Rapazes, que viveis enamorados,
Quem déra adivinhar! . . .

Não ha estrella que não saiba já de cór,
E que não saiba já tambem cantar
Quantas historias melancholicas d'amor,
Da Terra tem partido para o azul do ar! . . .
Mas, oh ingenuas, simplices, donzellas,
Deixae, deixae, de cantar . . .
Não torneis a dizer segredos ás estrellas;
Prendei o coração, não o deixeis voar!
Cantar é semear no peito a flor da magoa . . .
É a Morte, a vossa amiga, que vos vem fallar . . .
Um canto se transforma em gotta d'agua,
N'um oceano, aonde haveis de naufragar! . . .
Deixae vossos amores,
E deixae de cantar . . .
No meu leito de flores,
Oh raparigas, vinde-vos deitar! . . .

Oh flores, que o mez d'abril
Faz rebentar,
P'ra que serve, dizei, vosso aroma subtil? . . .
Silenciosa canção a perder-se no ar . . .
Se ninguem vos comprehende, oh delicadas flores,
Se outra linguagem não sabeis fallar? . . .
Vossos perfumes são canções e amores . . .
Quem vos responde? Quem vos sabe amar?

Para que fazes tu, oh primavera,
Os outeiros e os campos vicejar?
Velhinhos troncos que ainda amparas, folha d'hera!
Não os abraces mais, deixa-os tombar!
Eu sou o Outomno, oh flores!
Vento de morte far-vos-ha seccar!
Levar-vos-ha perfumes e amores,
Nem uma petala, de vós, ha de ficar!...
Os vossos sonhos desfazer-se-hão!
Tudo ha de terminar...
As vossas folhas verdes, morrerão;
O vosso amante, o sol, vae-se apagar!
Uma palavra minha
A sempiterna Noite ha de causar!...
E tudo eu mudo em cinza misera e mesquinha,
Que uma lagrima póde em lama transformar!...
Oh aves, desfazei os vossos ninhos!
Deixae de cantar!
Abandonae vossos filhinhos!
Os formigueiros vão-nos devorar!...
Não lastimeis a sua sorte.
Em outro céo mais puro irão voar,
Onde não chora, pelo outomno, o vento norte
As lagrimas que o mez d'abril sabe cantar!...
Que nevoeiro torna o Azul sombrio?!
Ai, não tarda a nevar!
Eu sou o Outomno, o eterno Frio!...
E tudo a minha Fouce ha de ceifar!...

E o Oceano, n'um momento,
Como mudado em pedra ha de ficar!
Nunca mais se ouvirá, na praia, o seu lamento,
Aquella voz do Amor, sempre a amaldiçoar!...
Enamoradas aves, que subis
Tão alto, onde ninguem póde chegar,
Que os vossos ninhos nas estrellas construis,
As pennas quentes deixarão de agasalhar
O vosso corpo aereo e delicado,
Que, tremulo de frio, a tiritar,
N'algum ramo de neve branqueado,
Quasi desfallecido, irá pousar!...
Das montanhas em gelo amortalhadas,
Que se tornam chimericas ao luar!
As avalanches tombarão despedaçadas
Nos valles, onde vão os rios para o mar!...
Crystallinos regatos murmurantes,
Que ides baixinho, sobre a areia, a suspirar...
E que sabeis de cór a historia dos amantes,
O vosso liquido elemento ha de gelar!
Cobrir-se-ha de brancas borboletas,
Feitas de neve, o escuro azul do ar...
E o que prégaram, das montanhas, os Prophetas,
Entre relampagos, virei realisar!...

Oh homens, que trazeis um coração
Dentro do peito, sempre a trabalhar!
Para que? se elle habita uma eterna prisão,
Onde algemado ainda tenta palpitar!
Dentro de vós, de que vos serve esse Infinito,
Que occupa tão pequeno e escondido logar?!
Se vós gritaes, n'elle se perde o vosso grito...
Esse céo, para que? se não pudeis voar!...
Homens, fechae os olhos aos fulgores
Da luz do sol que faz gelar!
Sou a Morte, e no meu leito de flores,
Moços e velhos, vinde-vos deitar!...

Um signal do céo

Folhas mortas cahindo . . . O frio outomno . . .
Sem verde musgo ruinas e rochedos . . .
Uma vaga saudade, um abandono . . .
Despira o vento norte os arvoredos!

Que frio de gelar! O firmamento
Escuro . . . A Natureza entristecida . . .
Um ar de morte, um arrefecimento . . .
A luz do sol já quasi escurecida!

A terra, a nossa Mãe, deserta e nua,
E, seccos areaes, rios e fontes!
Mais fria do que o gelo a luz da lua,
Moribundo o perfil dos horizontes!

As estrellas do Azul são como cirios,
Acompanhando o mundo á sepultura,
O prestito de dores e martyrios,
Que, d'um sepulchro eterno, anda á procura!

No céo caminha o sol, meio apagado,
Em lampejos de morte, palpitando...
E, n'um instante, mais incendiado,
O cadaver da Terra vae mostrando!...

Com negras azas, corta o azul profundo
Uma coruja enorme, a crucitar...
O termo d'esta vida, o fim do mundo,
Durante a noite, vem annunciar!

Vozes sinistras, vozes de prophetas,
Trespassam-me os ouvidos de terror.
Oh sêres desconhecidos, oh Poetas,
Acompanhae á cova o vosso Amor!

E assim vós, corações extraordinarios,
P'ra nada, quantos seculos chorastes,
N'esses altivos, ingremes calvarios,
Onde a vós mesmos vos crucificastes?!

É perto o ultimo instante, a ultima hora;
Já cahe a neve. Está a chegar o Inverno!
E como a terra treme e o vento chora!...
Oh flores, não tarda o Outomno sempiterno!...

Foi um Signal que eu vi... Um anjo irado,
Entre nuvens de fogo, lá no céo,
Estes versos, no azul ensanguentado,
Com a ponta da espada, elle escreveu!

Sobre o Abysmo

Que fogo é aquelle sobre um alto monte,
Para os lados longinquos do Futuro?...
Parece incendiar todo o horizonte,
E o céo, por cima, é immensamente escuro!

E debaixo da terra, que ruidos
Surdos, assim como um trovão distante!
São gritos das montanhas, são gemidos,
São ais da natureza agonisante!

Vejo cahir das nuvens tenebrosas
Gottas de sangue frio e congelado,
Que vão formar correntes caudalosas
Que hão de tornar o mar ensanguentado!

Para a terra, sinistras aves voam . . .
E o vento açoita as arvores histericas,
Por mim passando, em ondas que povoam,
O escuro céo, de folhas cadavericas!

Parece-me que chega esse momento
Em que, tudo o que é d'hoje, ha de morrer!
De subito, apagar-se o Firmamento,
No ultimo arranco, o mundo estremecer! . . .

Nem pedras sobre pedras ficarão!
Só destroços a Guerra deixará!
As mulheres as arvores beijarão,
Mas nem uma arvore só se esquecerá! . . .

Com seus moços maridos confundi-las,
Hão de as mulheres, com furia, as mãos crispando!
Depois, as loucas! hão de repelli-las,
Os seus esposos mortos lastimando!

Cinzas a fumegar nos horizontes!
E ribeiros de lagrimas e rios
De sangue, adubarão campos e montes,
Que hão de ficar, d'incultos, lavradios!

Dos castellos, cidades, fortalezas,
Não haverá vestigios nem signaes...
Florestas nascerão pelas devezas,
Arvores silvestres, rusticos pinhaes!

E em cavernas, cobertas de verdura,
Occultas entre virgens arvoredos,
A Paz ha de matar a Desventura,
E a Esperança nascer d'entre os rochedos!

E, resuscitarás, oh Sol amigo,
N'outro terceiro dia glorioso!
Do céo á terra baixará comtigo
Aquelle Anno I venturoso!...

E as mulheres e os homens todos nús,
Amar-se-hão conforme a Natureza;
Á luz do sol, á verdadeira luz,
Sempre fecunda, eternamente acceza!

Que o vosso leito seja só de flôres,
E, por docel, que tenha o azul do ar!
Incéndiae ahi vossos amores,
Em fructos d'ouro hão de fructificar!

Homens, entre o arvoredo, amae, amae!
E será cada beijo uma oração...
Os femininos peitos abraçae,
Sede o Principio, sede a Creação!...

No teu ventre, Mulher, fecundarás
O homem verdadeiro, o homem forte!
De mamar, em creança, lhe darás,
Na certeza da sua bôa sorte.

Do teu robusto peito onde nevou,
Não manará o leite envenenado
Que a geração presente definhou,
Que fez, na vida, tanto desgraçado!

Mas um leite purissimo, divino,
Como a seiva que as arvores sustenta.
Vinho mysterioso, crystallino,
Licor, que as creaturas alimenta!...

Que as fontes d'essa magica bebida,
Não sequem, nunca deixem de correr...
Abençoadas sois, Fontes da Vida,
Aonde as creancinhas vão beber!...

Esta agua santa, que produz gigantes,
Cahe nos labios em perolas d'amor.
Foram, um dia, já beijos d'amantes...
Ellas são o fructo, elles são a flor!

Oh abraços d'amor! Beijos fecundos!
Inundae as florestas d'harmonia,
Emquanto pelo céo se geram mundos,
E reverdece a terra a luz do dia!

Sol infinito, quando regressares
Da tenebrosa noite á claridade,
Quando de novo a Terra fecundares,
Trarás comtigo a eterna Mocidade!...

E então este Planeta abraçará
Nevoeiro luminoso, como a aurora...
Transfigurado assim, mostrar-se-ha
Á vossa descendencia, homens d'agora!...

Ultimo Canto

P'ra ahi ficam meus versos desgraçados,
Sobre o papel que a penna atormentou;
Assim tristes, assim desordenados,
Como essa estranha Dôr que m'os dictou!...

Compu-los sobre abysmos escarpados,
Onde um pastor jamais se aventurou,
Estes cantos assim desventurados,
Como ainda voz alguma não cantou!

Escrevi-os, ouvindo as tempestades,
Os gemidos e os gritos dolorosos,
Lá das minhas mais intimas saudades!

E as vozes que aos ouvidos me chegaram
Do Futuro, e esses ais mysteriosos
Das cousas que na terra se crearam!...

Indice

	Pag.
Ia subindo um penhascoso e arido monte	7
Á unica flor da minha vida	13
Illusão !	14
Presagio	15
A uma folha d'hera	23
Esperança	24
Adeus, Emilia !	25
A minha historia	33
A um pinheiro	49
A uma fonte que seccou	50
Paizagem do meu desterro	51
Á Lua	59
Venus	63
Coração	79
Os meus phantasmas	80
Através do mundo	81
Um dos meus dias	107
A um sol que se apagou	108
Ao Amor	109
Aos meus semelhantes	110
Ao meu coração	111
Val da Sandade	113
Aria da Morte	119
Um signal do céo	125
Sobre o Abysmo	129
Ultimo Canto	135

DO MESMO AUCTOR

Sempre.

A SAHIR:

Regresso ao Paraizo.

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
REFERENCE DEPARTMENT

This book is under no circumstances to be taken from the Building

SEP 9 - 1916

Form 410